

Renato Cardoso: memória, testemunho e homenagem

Renato Cardoso: memory, testimony and tribute

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz*

Universidade NOVA de Lisboa

<https://orcid.org/0000-0001-5694-5781>

DOI: <https://doi.org/10.15648/cl.38.2023.4033>

*

Recibido: 20 de diciembre 2022 Aceptado: 13 mayo 2023 Publicado:

¿Cómo citar este texto?

Não acredito na política e nos homens que a
servem sem entrega, sem sacrifícios, sem amizades.
(Rodrigues 2014, II).

Resumo

O presente artigo parte da análise de alguns depoimentos dados por familiares e amigos do diplomata, compositor, político e jurista cabo-verdiano Renato Silos Cardoso, mais conhecido por Renato Cardoso ao número 124/125 de novembro/dezembro de 2014, do jornal *Artiletra*, numa homenagem que lhe foi feita por Larissa Rodrigues, com o título “Renato Cardoso: 1/12/1951-29/9/1989”, por incentivo de Alcídia Araújo, então Presidente da Associação de Amizade e Solidariedade Renato Cardoso (AASRC), fundada no dia 11 de março de 2011, na cidade da Praia, ilha de Santiago, Cabo Verde. Nessa linha, procura contribuir para o resgate de reminiscência da História recente do arquipélago e dos seus heróis.

Palavras-chave: Cabo Verde; Renato Cardoso; PAICV; homenagem; morte.

Abstract

This article starts from the analysis of some testimonies given by family and friends of Cape Verdean diplomat, composer, politician and jurist Renato Silos Cardoso, better known as Renato Cardoso in edition 124/125 of November/December 2014, of the newspaper *Artiletra*, in tribute paid to him by Larissa Rodrigues, with the title “Renato Cardoso: 1/12/1951-29/9/1989”, at the encouragement of Alcídia Araújo, then President of the Renato Cardoso Friendship and Solidarity Association (AASRC), Founded on March 11, 2011, in the city of Praia, Santiago island, Cape Verde. In this line of thought, try to contribute to the recovery of reminiscences of the recent history of the archipelago and its heroes.

Keywords: Cape Verde; Renato Cardoso; PAICV; homage; death.

Enquadramento

Tratando-se de uma personalidade multifacetada e considerado, por muitos, um homem “de inteligência invulgar”, Renato Cardoso foi caracterizado no referido jornal como sendo: “brilhante, excepcional, fora de série e irreverente”; “[u]m verdadeiro íman de pessoas”; “intelecto invejável”; um “excelente comunicador”; “uma pessoa simpática e que tinha boas relações com toda a gente” (II e III), características que fizeram Pedro Pires, antigo Primeiro-Ministro e Presidente da República de Cabo Verde referir que “ele reunia os atributos pessoais para aspirar a ser aquilo que quisesse ser” (Pires, 2014, p. IX).

Por esta razão, Larissa Rodrigues estranha a sua omissão e a ingratidão para com a sua memória num país de “muitas homenagens” (Rodrigues, 2014, p. II). Desta feita, por se tratar de um político de alusão no melhoramento da gestão pública cabo-verdiana no período pós colonial, tencionamos reaver a sua memória através desta reflexão.

Falar de Renato Cardoso significa, segundo Ondina Ferreira, ocupar-se de alguém que foi “elogiado no seu perfil de membro de governo com visão de futuro, no que tocava ao desenvolvimento de Cabo Verde [...]. A sua morte prematura [...] interrompeu de forma abrupta e indesejável uma carreira auspiciosa que Renato Cardoso havia iniciado” (Ferreira, 2014, XIV).

Ainda, na perspetiva da escritora cabo-verdiana, que o conheceu aquando dos seus estudos universitários da década de 70 do século XX, em Lisboa, ambos foram um sustentáculo dos estudantes islenhos que lhes seguiram, já que encontravam “quase

todos” que passavam pela Cidade Universitária. Eles foram, na sua visão, “um ponto de convergência dos que frequentavam as diferentes Faculdades – na Cantina, chamada mais tarde, de “Cantina Velha” , à hora do almoço (Ferreira, 2014, p. XIV).

Portanto, esta reflexão representa, pois, rememorar um indivíduo simpático, sociável, compenetrado, impulsionador de melhoramentos na Administração Pública de Cabo Verde, que atualizou a “formação dos servidores das *res pública*” (Ferreira, 2014, p. XIV), mas que teve a sua existência descontinuada de modo grotesco e indesejado, razão que faz os cabo-verdianos ainda cogitarem sobre os motivos da sua morte e os cargos políticos que poderia vir a ocupar, sobretudo porque muitos dos seus pares detinham a completa noção das suas aptidões de progressão na sua carreira profissional e política. Igualmente significa retomar uma figura “nacionalista e orgulhoso da sua cabo-verdianidade [...]”; amante e criador da música cabo-verdiana com um estilo e um conteúdo inconfundíveis que exprimiram com arte e sonoridade, como poucos, o maravilhoso e exaltante momento histórico único dos primeiros anos da Independência” (Ferreira, 2014, p. XIV).

Testemunhos & memória: recuperação

O tempo apaga tudo? Certamente que não. [...]. Continuam as dúvidas e foram-se os esclarecimentos. Há uma revolta que perdura. O resto pouco interessa.
O Renato [...] teria todo o direito de ainda continuar aqui comigo, [...], com as duas filhas, por muito mais tempo. Não há direito.
(Florentino Cardoso, 2014, p. V).

Para Jorge Ribeiro, “Falar do Renato é falar de Política, de Diplomacia, de Literatura, de História, da Música ou da Cultura de um modo geral”. [...]. “É acima de tudo, falar de

Patriotismo” (Ribeiro, 2014, p. II). O seu primeiro contacto com ele ocorreu, em 1975, por intermédio do Abílio Duarte, um dos primeiros militantes do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que na “época era Ministro dos Negócios Estrangeiros, diretamente auxiliado por Corsino Tolentino, combatente da liberdade da Pátria, que era Secretário de Estado e que sob a coordenação do então Primeiro-Ministro Pedro Pires fundaram o Ministério das Relações Exteriores de Cabo Verde” (Ribeiro 2014, II), levando-lhe, a testemunhar que:

Ambos lideravam, no início, uma equipa de jovens brilhantes: o Jorge Fonseca, o Renato Cardoso, o Spencer Lima, o António Lima, a S. Dantas e o Raul Barbosa no Protocolo. Tive a honra e o privilégio de conhecer e, modestamente, colaborar com estes jovens empenhados nos seus ideais políticos e totalmente disponíveis a participar com paixão e entusiasmo no processo e afirmação da Independência Nacional. Ainda hoje, quando contemplo a estrada da vida, recordo, com saudade, os anos de 1975 e 1976 que, entre as diferentes etapas do meu percurso, foram anos que marcaram profundamente a minha personalidade e carácter (Ribeiro, 2014, p. II).

Renato Cardoso, um político comprometido com a construção de um Cabo Verde novo e melhor, segundo o imaginário coletivo da altura, recusou uma proposta de emprego, considerada indeclinável pelo seu amigo anteriormente referido, que, nessa altura, trabalhava num grupo económico de Hong Kong e Macau, fundado por Chen-Yu Tun, Henry Fok e Stanley Ho, empresários que tinham negócios no âmbito da banca, do turismo, de telecomunicações, da energia e da banca na Europa e Ásia (Ribeiro, 2014). O seu compromisso com o arquipélago fê-lo tomar essa decisão dizendo: “- Jorge, compreendo o que me estás a propor. Por mês jamais poderei poupar até ao final da vida [...], mas o meu comprometimento é com Cabo Verde” (*apud* Ribeiro 2014, II). Esta recusa fez Jorge Ribeiro pensar nos cabo-verdianos de diferentes áreas profissionais “que tomaram posições idênticas na sua vida, com competências e qualidades que lhes permitiam seguir, com sucesso, as suas carreiras em qualquer parte do mundo, mas que optaram por ficar em Cabo Verde para ajudar a sua Pátria” (Ribeiro, 2014, p. II).

Renata Cardoso, filha de Renato Cardoso, rememora o seu falecido pai da seguinte forma: “Tive o privilégio de conviver com o meu pai, durante os meus primeiros dez anos de vida, até à privação do mesmo, pelo seu assassinato. Um ser humano extraordinário, com uma visão do mundo surpreendente e um intelecto invejável. [...]” (Cardoso, 2014, p. III). Na sequência deste testemunho, ela alude que apesar de ter sido uma criança quando conviveu com o seu pai, o grande legado que guarda dele consiste no compartilhamento de uma parte da sua perceção do mundo que teve com ela (Renata Cardoso, 2014, p. III). Nesta lógica, refere que o seu pai lhe explicou que: “não havia diferença entre Homem e Mulher, para além das diferenças físicas: o sexo é diferente e o corpo do homem contém mais massa muscular. Intelectualmente, não há nada que um homem possa fazer que tu não possas” (*Idem*, p. III). A própria, reconhecendo a importância desta explicação sobre a questão do género dada pelo seu pai, pede às mulheres cabo-verdianas para não permitirem “que ninguém lhes digam que não são capazes de algo, pelo simples fato de serem mulheres” (*Idem*, p. II). Também pede aos homens para transmitirem esta mensagem às suas filhas e impedirem que a sociedade lhes ensinem o contrário (Renata Cardoso, 2014). Já Lúcia Cardoso, igualmente sua filha, testemunha o seguinte:

Lembro de gostar de cheirar os fatos do meu pai, quando estavam pendurados em um cabide ou em cima de uma cadeira. O cheiro fazia-me reviver o abraço dele, à chegada do trabalho, das viagens, a sensação de aconchego e proteção de quem sabe tudo, de quem sempre tem a solução. O meu pai era um homem bazofo, de vivências largas, tudo à vontade, tudo farto. *Bon vivant* assumido, um verdadeiro íman de pessoas, sempre animado e que nos transmitiu a filosofia do viver, do sentir, do apreciar...da valorização das pequenas coisas, como a sensação boa do nevoeiro na Serra da Malagueta, o pôr-do-sol do Tarrafal, um *tchluf* no mar da Calheta ou um simples passeio de exploração das ladeiras do interior de S. Jorge dos Órgãos ou Rui Vaz (Lúcia Cardoso, 2014, p. III).

Florentino Cardoso, irmão do Renato Cardoso, também num “depoimento” fala numa morte “quase sempre mal explorada e com afirmações terríveis, as últimas das quais

debaixo do manto da ficção” (Florentino Cardoso, 2014, p. V). O mesmo considera que o desaparecimento do seu irmão ainda é “motivo de espanto e dor. [...] Nos momentos complicados que vivemos, a sua ausência priva-me dos interessantes diálogos que reatámos por tão pouco tempo. Explico: os contactos com o Renato durante a nossa vida adulta foram curtos e espaçados” (Florentino Cardoso, 2014, p. V). Já Victor Fidalgo, seu amigo, recupera uma tarde do primeiro trimestre de 1975 como sendo marcante no primeiro encontro tido com ele no Salão da Shell, em S. Vicente, aquando da apresentação “de uma minuta da lei eleitoral para as eleições que deveriam marcar a independência de Cabo Verde” (Fidalgo, 2014, p. V) para o dia 5 de julho de 1975. Nessa linha de pensamento, Renato Cardoso foi o apresentador da minuta e Alírio Vicente Silva o moderador do dito encontro:

Foi o meu primeiro encontro com Renato Cardoso, após a instalação da Direção do então PAIGC na Praia, mudou de Lisboa para a capital. Ambos já tínhamos ouvido falar um do outro. A empatia foi total. Ele com uma visão global e universal do mundo de então (viveu fora de Cabo Verde) e eu com uma visão local (provinciano-africanista), fundamentada apenas em leituras dos grandes revolucionários da época. Cabo Verde proclamou a independência a 5 de julho de 1975 e o jovem Renato Cardoso ocupou um lugar de destaque na estrutura do Ministério dos Negócios Estrangeiros (Fidalgo, 2014, p. V).

Entre outros assuntos, Victor Fidalgo aborda um cargo de saliência no Ministério do Negócios Estrangeiros que Renato Cardoso passou a ocupar depois da independência do país, sendo que ele prosseguiu nas estruturas partidárias do PAIGC no Mindelo, S. Vicente, a lecionar no Liceu Ludgero Lima, uma escola secundária tornada conhecida como Liceu Nacional de Cabo Verde, que obteve a denominação atual através de uma deliberação do Ministério da Educação de Cabo Verde de 19 de maio de 1975 em homenagem a Ludgero Lima, um antigo funcionário que integrou a luta de libertação do arquipélago e que morreu num acidente de automóvel, ocorrido no dia 23 de março de 1975, no caminho de S. Pedro, ilha de S. Vicente. Também fala na sua partida para a

antiga União Soviética com o intento de entrar na universidade; de um problema político que enfrentou e do auxílio que recebeu do seu amigo; do trotskismo em Cabo Verde; da continuidade do Renato Cardoso no PAIGC, sempre procurando cultivar a liberdade de pensamento:

Em 1976, parti para a ex-União Soviética, para fazer os meus estudos universitários, de onde regressei em 1982. Foram 6 anos de uma separação próxima. Quando em janeiro de 1978, ainda no 1.º Ano do Curso, tive a minha segunda turbulência política, Renato Cardoso foi dos raros que, estando em Cabo Verde, corajosamente me apoiaram no meu combate pela liberdade de pensamento e de expressão. Em 1979, veio o grande cisma político à volta do trotskismo. Segui Renato Cardoso. Não havia condições de subsistência política autónoma, fora do regime. Renato continuou a trabalhar com o Partido, sem perder um iota da sua liberdade de pensamento. Do meu lado, inspirando-me nos conselhos do Renato Cardoso, resisti às investidas que procuravam, a todo o custo, encontrar em mim o representante do trotskismo, infiltrado na SEP (Secção de Estudantes do Partido), na ex-URSS. (...) (Fidalgo, 2014, V).

No que se refere à sua carreira diplomática, Renato Cardoso foi, segundo Alcídia Araújo, “um profundo analista das relações internacionais, diplomata arguto e seriamente comprometido com o desenvolvimento, procurando combater o atraso e abrir novos horizontes para um ambiente real de paz, progresso e bem-estar” (Araújo 2014, XX).

Entrada na política & morte

Renato Cardoso¹ deixou a ilha de S. Vicente, onde nasceu em 1951, no início da década

¹A geração do Renato Cardoso que estudou em Portugal na década de 60/70 do século XX foi marcada pelo racismo que se exacerbava “com a guerra colonial e com a chegada de trabalhadores cabo-verdianos. A universidade era simultaneamente fábrica de oficiais e válvula de escape das tensões políticas da juventude. A politização era acentuada. A luta anticolonial no seio da juventude portuguesa manifestava-se. [...]. O movimento maoísta ganhava força no seio da juventude e o trotskismo como antídoto do estalinismo maoísta ou soviético crescia. O estalinismo que influenciou muitos dirigentes do PAIGC, com o seu autoritarismo, a sua política, a liquidação dos adversários políticos (Leon Trotski, por exemplo), a revisão da história, a corrupção, os processos de Moscovo, era rigorosamente escarpado. [...]. (Faustino, 2014, XV)

1970 para estudar² Direito em Portugal, na Universidade de Lisboa, altura em que se vivia um regime fascista e as guerras nas colónias portuguesas. Com a sua chegada, começou a pautar o seu impacto na política cabo-verdiana, com a sua adesão às estruturas clandestinas do PAIGC, numa altura em que o partido contava com José Luís Fernandes Lopes, conhecido por *Djidjé*, como o seu dirigente em Portugal. Conforme este admite, eles não falavam muito do partido por razões inerentes à sua organização clandestina. (Lopes, 2014). Mas, segundo o próprio, “privámos muito, pessoalmente, e também a nível do que eu diria das tertúlias, porque em Portugal, para além da organização partidária clandestina, que tinha as suas regras próprias, juntávamo-nos, indistintamente, para vários tipos de discussão e convívio. E é aí que o meu relacionamento com ele era mais intenso” (Lopes, 2014, p.VI). Ainda, na sua opinião, “o Renato já se distinguia da corrente maioritária ligada ao PAIGC, quer entre os militantes ou o comum dos simpatizantes. Nessa altura, havia um pensamento único que era concentrado na política e na luta. Tudo o resto era secundário ou não existia” (Lopes, 2014, p. VI). Renato Cardoso foi integrado numa estrutura local que tinha o objetivo de captar estudantes, emigrantes cabo-verdianos em Portugal e de dar formação política (Faustino, 2014).

Essa participação foi decisiva no conhecimento que passou a ter da realidade dos trabalhadores cabo-verdianos no país, sobretudo em Lisboa e Amadora, onde se encontravam em maior número e em condições miseráveis. Os contactos ocorriam, preferencialmente, aos domingos no Jardim da Estrela, em Lisboa, considerado um ponto de encontro. No âmbito da mobilização em Portugal, Renato Cardoso admitiu, em 1989, dias antes da sua morte, numa entrevista concedida à Televisão Nacional de Cabo Verde (TNCV) e retransmitida no Programa Dia dos Heróis Nacionais, no dia 20 de janeiro de

²Renato Cardoso também estudou Direito Internacional na Academia de Direito Internacional de Haia- Holanda e Administração no National Training Laboratories nos EUA.

1991, que a música teve um papel importante nos primeiros trabalhos de mobilização política, como podemos certificar no seguinte excerto:

A música desempenhou um papel muito importante naqueles primeiros tempos da mobilização. Lembro-me que durante muito tempo, ela serviu como fator de facilitação de comícios com a população, como fator de mobilização no meio emigrante e como razão imediata para encontros entre estudantes. Nesses encontros, através das músicas muito politizadas, fazíamos o debate político em torno da luta para a independência.

Os temas que tiveram eco, e de que tive a oportunidade de lançar dois através de “Os Tubarões” [1977 e 1989] e um através do “Bulimundo” [1983], enquadram-se justamente neste processo (*apud* Semedo, 2008, p. 25).

Tratando-se de um jovem que fazia a diferença em todas as suas atuações, sobretudo nos debates sobre a cultura, nesta sua entrada na política, devemos destacar a sua participação na negociação da independência de Cabo Verde depois da revolução de 25 de Abril de 1974. Nessa altura, apesar de ainda estar a frequentar o curso de Direito, acompanhou a Delegação Cabo-Verdiana nas negociações, como jurista, após Pedro Pires, depois Primeiro-Ministro (1975-1991) ter solicitado alguém junto das estruturas do PAIGC, em Lisboa, que o pudesse acompanhar, visto que ele estava acompanhado, segundo o próprio, de um assessor jurídico que, “com pouca capacidade política, não estava à altura do desafio” (Pires, 2014, p. IX). Renato Cardoso foi-lhe apresentado por Manuel Faustino, em 1974, conforme este admitiu referindo que: “Renato Cardoso, militante do PAIGC, brilhante aluno de Direito, é apresentado, por mim, ao Chefe da delegação cabo-verdiana, Pedro Pires, e passa a apoiar as negociações nos bastidores” (Faustino, 2014, p. X). Assim, os textos propostos por Almeida Santos, em representação de Portugal, foram discutidos politicamente, sob o comando do líder da delegação, mas “nos pormenores técnicos formais, lá estava o Renato que [...] dava a sua opinião e apresentava propostas de modificações formais” (Lopes, 2014, p.VI).

Pedro Pires admite que foi a partir desse momento que estabeleceram uma relação de

amizade e de cooperação, razão que o fez convidar para exercer o cargo de Diretor Geral da Administração Interna, uma área que havia ficado ao seu cargo enquanto Primeiro-Ministro (Pires, 2014). Renato Cardoso interrompeu os estudos e voltou³ para Cabo Verde, para dar a sua contribuição na construção de um país novo, assim como muitos outros estudantes da sua geração. O mesmo Pedro Pires, referido anteriormente, admite que ele: “[i]niciou o trabalho de organização da área, posteriormente, foi convidado pelo ministro Abílio Duarte para trabalhar no Ministério dos Negócios Estrangeiros” (Pires, 2014, p. IX), levando Carlos Veiga a aludir que ele passou a ser “um dos principais colaboradores do então ministro [...]” (Veiga, 2014, p. VII). Uma vez que, nessa altura, este era Diretor Nacional da Administração Interna, na dependência do dito Pedro Pires, ambos integravam a primeira secção da “Praia Urbano” do PAICV⁴, havendo a destacar outros quadros superiores na administração, como Adão Rocha, Admilo Fernandes, José Vera Cruz (*Torrincha*), Nelson Anastácio e Omar Lima (Veiga, 2014).

É de destacar que, com Carlos Veiga, António Mascarenhas Monteiro, David Hopffer Almada, Eduardo Rodrigues, Onildo Pires e Manuel Duarte, Renato Cardoso participou na preparação do “anteprojeto da primeira Constituição de Cabo Verde, o qual [...] viria a desembocar na Constituição de 1980” (Veiga, 2014, p. VIII).

Foi essa aceitação do convite que fez com que ele passasse a desempenhar o cargo de Diretor Geral da Administração Interna durante algum tempo (Pires, 2014). Apesar da mudança, mantiveram-se em contacto. Renato Cardoso precisou voltar a sair do

³Para Manuel Faustino, aquando do seu regresso ocupou “importantes cargos que exerce com muito competência, dedicação e espírito de missão. Posteriormente regressa para Portugal para concluir os seus estudos”. (Faustino, 2014, p. XV)

⁴Refira-se que em Cabo Verde o PAIGV passou para PAICV (Partido de Independência de Cabo Verde).

arquipélago para concluir o curso, que havia interrompido em Portugal, e, ao regressar para Cabo Verde, voltou a trabalhar no Ministério dos Negócios Estrangeiros, sendo que após algumas mudanças, passou a trabalhar como Conselheiro do então Primeiro-Ministro, o suprarreferido Pedro Pires.

O seu pensamento político e a forma como discutia determinados assuntos foram influenciados pelo protestantismo, base da sua frontalidade “nas suas discussões porque, precisamente, não pensava que as diferenças filosóficas ou políticas tinham a ver com relações pessoais” (Lopes, 2014, p.VI). Essa postura causou-lhe muitos dissabores já que muitos o consideravam *bazofa*, sendo que chegou a ser visto como uma pessoa arrogante, só porque “era um defensor apaixonado das suas ideias, mas também era um espírito de grande abertura e sempre disposto a absorver coisas que ele considerava corretas (Lopes, 2014, p. IV). Uma marca que ficou notória nos seus discursos foi a quase inexistência de expressões de esquerda marxizante e revolucionária nas suas intervenções, razão que leva José Tomás Veiga a referir que: “[p]or isso, não se distinguiu na comunidade estudantil cabo-verdiana afeta ao PAIGC ou nos grupos esquerdistas portugueses, como ideólogo de vulto” (Veiga, 2010, p. 64). O mesmo autor defende que:

As várias e por vezes violentas discussões que teve nos círculos estudantis, acerca de vários aspetos da cultura cabo-verdiana, consideradas “reacionárias” pela liderança dos estudantes cabo-verdianos da esquerda revolucionária/socialista/marxista, criaram entre eles e vários desses estudantes relações de tensão que persistiram no “período pós-independência e em Cabo Verde recorde-se particularmente a sua posição quase que isolada sobre o “caráter reacionário” da morna e de certos autores da literatura cabo-verdiana (*idem*, p.35).

Na senda do que adiantamos antes, ele ocupou vários cargos no Governo de Cabo Verde, nomeadamente de Vice-Presidente da Comissão Eleitoral que organizou as eleições para a independência do arquipélago, conforme referimos anteriormente; Diretor Geral da

Administração Interna; Diretor Geral dos Assuntos Políticos, Económicos e Culturais do Ministério dos Negócios Estrangeiros; Conselheiro e Coordenador do Serviço de Assessoria do Primeiro-Ministro; e Secretário de Estado da Administração Pública. Integrou o grupo de redação da Constituição Política, do Código da Água e da Lei de Administração Municipal, além de ter participado em muitas missões diplomáticas, tendo, por exemplo, chefiado uma representação cabo-verdiana junto da Assembleia Geral da ONU, em 1975, e participado em diversas conferências de Conselhos de Ministros da CEDEAO; do Movimento dos Não Alinhados; de Chefes de Estados da OUA; e em vários seminários e colóquios internacionais (Semedo, 2008).

Jovem ambicioso, “capacitado de uma clarividência, pouco habitual” (Araújo 2014, p. XVII), segundo Carlos Araújo, seu amigo e companheiro numa célula clandestina do PAIGC em Portugal a par de Maria da Luz, José Maria Martins, mais conhecido por *Bitcha*, e Lurdes, Renato Cardoso modernizou a Administração Pública cabo-verdiana, através da adoção de uma estratégia de desenvolvimento baseada na ideia de “um homem preparado” (*idem*, p. XVII). Criou o Centro de Aperfeiçoamento Administrativo (CENFA), que ministrava cursos para diretores cabo-verdianos e dos países africanos de língua portuguesa, levando Pedro Pires a referir que: “as pessoas que frequentavam o curso tinham perdido o hábito de estudar e não foi fácil retomá-lo. Mas, o momento mais dramático foi quando tiveram de se submeter a uma avaliação, norma a que também não estavam psicologicamente preparadas para se submeterem (Pires, 2014, p. IX).

Essa avaliação curricular não foi bem aceite, já que segundo Pedro Pires, “mexia com os sentimentos, a atitude e a cultura administrativa dos formandos. Uns portaram-se melhor e outros menos bem” (Pires, 2014, p. IX). Por esta razão, Renato Cardoso disse ao então

Primeiro-Ministro de Cabo Verde: “preciso que você vá falar com eles para os convencer e ajudar a ultrapassar os bloqueios psicológicos que estão a enfrentar” (Cardoso, 2014, p. IX). Pedro Pires cumpriu o seu pedido e constatou que: “[a]lguns até queriam abandonar o curso e era indispensável estimulá-los a prosseguir e a persistir porque era urgente melhorar as capacidades e o desempenho dos funcionários” (Pires, 2014, p. IX).

Entre outras qualidades profissionais, Renato Cardoso foi considerado um diplomata por excelência, visto que ele “trazia a diplomacia no seu DNA, e pensava que o futuro de Cabo Verde dependia da diplomacia” (Araújo, 2014, p. XVII). Foi por essa razão que procurou associar o desenvolvimento à paz, através da introdução da ética no processo de desenvolvimento, defendendo que: “[a] experiência dos nossos dias prova que o mais fácil é encontrar parceiros poderosos interessados em se servir dos pequenos para benefício da sua própria estratégia de poder e confrontação” (Cardoso, 1986, pp. 15-16).

Na sua visão, “a política de paz e diálogo constitui o caráter distintivo da existência de Cabo Verde como país independente, uma verdadeira opção, no sentido de Kierkegaard” (Cardoso, 1986, p.16). Essa política está patente na sua obra *Cabo Verde: opção para uma política de paz*, onde fundamentou o caminho da dita paz como forma de progresso com base na ideia de que o arquipélago sabia que a reclamação da paz impunha resistência e sacrifícios; uma estratégia de interlocução e de paz seriam fundamentais na sobrevivência do país, já que lhe sobravam apenas duas opções num mundo em que a superioridade e a dominação eram dois traços importantes, o que fazia com que a estratégia de paz se transformasse num constituinte relevante na proteção nacional e insubmissão. Portanto, essa política era, na sua opinião, “a única capaz de mobilizar, com sucesso e através do consenso social, os recursos escassos e o povo recém independente num vasto programa de desenvolvimento económico e social a nível interno e promover

a boa vizinhança e a cooperação a nível externo [...] (Cardoso, 1986, pp.13-14).

Ora, se é verdade que Renato Cardoso fez muitas amizades, também é verdade que conquistou inimigos dentro e fora do PAIGC⁵. Daí, por exemplo, a acusação de ser trotskista, uma calúnia para muitos e uma verdade para outros em função de uma suposta convivência bifurcada que lhe era imputada, numa lógica de perseguição política. Outros nomes da sua geração como Carlos Veiga, Eugénio Inocêncio, Jorge Carlos Fonseca, José Tomás Veiga (irmão de Carlos Veiga) e Manuel Faustino foram, igualmente, associados ao trotskismo⁶, razão que os fizeram abandonar o partido em março de 1979, contrariando a tese de que foram expulsos⁷.

Para este assunto, Carlos Veiga admite que: “Eu acabei por me demitir do cargo de Procurador-Geral da República, definitivamente dececionado com o totalitarismo e a intolerância crescente que o sistema de poder do partido único revelava e com a perseguição pidesca movida àqueles meus parentes e amigos” (Veiga. 2014, p. VII).

Foi nessa ambiência, quicá de amor e ódio, que Renato Cardoso sofreu uma tentativa de afastamento do partido⁸. Essa ideia foi desencadeada “principalmente pelas

⁵Segundo Manuel Faustino: “[...] o que mais o incomodava nesse quadro era a incapacidade, cada vez mais clara, do regime de conviver com o debate de ideias. Quem procurasse discutir livremente o que quer que fosse era objeto de profunda desconfiança vítima de perseguição e calúnia. A luta e a discussão política eram consideradas casos de polícia e caíam na alçada da polícia política. Renato tinha consciência dessa realidade e porque tinha a mania de pensar e de ser autónomo foi tornado, também trotskista. Ele entendia as limitações do regime, discordava dos métodos utilizados, dos quais era, também, vítima (Faustino, 2014, p. XV).

⁶Para José Tomás Veiga: “Renato Cardoso não foi um marxista e muito menos trotskista. No entanto, já nesta altura era um político de visão moderna e nessa perspetiva altamente crítico das tendências de consolidação do que que considerava práticas retrógradas do sistema de partido único: ascendência do partido sobre o Estado, que no seu entender facilitava a ascensão de mediocres [...]. O grupo trotskista defendia, sim, o direito de tendência no seio do partido” (José Tomás Veiga, 2010, p. 66).

⁷A tensão que se instalou e as perseguições que se seguiram foram muito grandes, obrigando algumas pessoas a deixar o país” (Faustino, 2014, p. XV).

⁸A nível de cúpula do partido, particularmente do então Primeiro-Ministro, o seu valor como quadro já era notado e apreciado. É assim que se compreende as várias contribuições

estruturas intermediárias e de base, particularmente inflamadas por alguns “quadros políticos do MNE⁹, que identificavam a sua capacidade técnica e inteligência como ameaça séria à sua carreira no MNE e quiçá no PAIGC” (José Tomás Veiga, 2010, pp. 66-67). Desolado, traído, admitiu que “foi atacado por pessoas que não esperava e que ajudou a formar e a fazer carreira dentro do Ministério” (Lopes, 2014, VI). Isso motivou José Luís Fernandes Lopes a dizer que: “quiseram dar-lhe um empurrão grande para sair. Valeu-lhe as relações profissionais sólidas, tanto com o [Abílio Duarte], como com o Silvino [da Luz], como ainda com o [Pedro] Pires. Foi a este nível de cúpula que o Renato foi defendido” (Lopes, 2014, p. VI). Merece, ainda, particular destaque o facto de, como Secretário de Estado da Administração Pública, se ter rodeado de um grupo de jovens promissores, havendo a destacar os nomes de Alfredo Teixeira; José Maria Neves, atual Presidente da República de Cabo Verde; Eurico Monteiro; Edna Mascarenhas; Iolanda Évora; Romeu Modesto; Antero Veiga; e Gertrudes Soares.

No que se refere a amizade e possível influência que pudesse exercer junto de Pedro Pires, Carlos Veiga¹⁰. fala num conhecimento que “criou problemas a Renato Cardoso, que, estrela claramente ascendente no universo do PAICV, passou a ser visto com desconfiança e hostilidade política por pessoas relevantes nesse aparelho, receosos de uma sua muito provável ascensão até à cúpula [...]” (Veiga, 2014, p. VII).

Nesta linha de pensamento, podemos, por exemplo, sublinhar o facto, segundo Carlos Veiga, de ter sido “barrada a sua participação no congresso do PAICV com argumentos

analíticas a que era chamado a dar à comissão de organização e ideologia do PAIGC, à margem das estruturas formais do partido” (José Veiga, 2010, p. 67).

⁹Ministério dos Negócios Estrangeiros.

¹⁰Carlos Veiga defendeu nas suas campanhas legislativas que descobriria o assassino de Renato Cardoso e que ele seria devidamente punido, mas, infelizmente, tal não aconteceu.

processuais esfarrapados” (Veiga 2014, p. VII). Renato Cardoso abordou este assunto com ele e também o procurou abordar com o Aristides Pereira, o então Secretário-Geral do PAICV e Presidente da República de Cabo Verde, exatamente no dia da sua morte, conforme atesta o supracitado Carlos Veiga: “À saída da audiência telefonou-me a dar conhecimento de que o encontro com Aristides Pereira decorrera muito bem e que estava mais aliviado. Horas mais tarde, um telefonema do Admildo Fernandes [...] alertou-me de que Renato tinha sido baleado e estava no hospital em estado grave (Veiga 2014, VII).

Desta feita, se numa fase, ele foi defendido, apoiado aquando de uma tentativa do seu “assassinato” político, numa outra ele foi brutalmente atingido por um tiro no fatídico dia 29 de setembro de 1989, por volta das 19h30¹¹ na Praia de Quebra Canela, ilha de Santiago, Cabo Verde, onde se encontrava na companhia da Argentina Barros, sua amiga de infância. Chegou vivo ao hospital Agostinho Neto por volta das 21h00, onde morreu pouco tempo depois. Esta triste notícia foi transmitida à sua esposa, Sara Cardoso, pelos ministros Irineu Gomes, Júlio de Carvalho e João Pereira Silva. Pedro Pires que, precisamente, estava de malas feitas para ir representar Cabo Verde nas Nações Unidas, prosseguiu a viagem, após um longo período de ponderação, uma decisão que ainda continua a merecer duras críticas, mas justificada pela sua importância. Enquanto lutava pela sua vida, Renato Cardoso descreveu o assassino como sendo alto, forte e escuro (Rodrigues, 2014), segundo as notícias da época. Resta aos islenhos essa descrição e o pedido que fez ao médico que o assistia: “-*Só ka bo txeme morrê/ só ka bo txeme morrê*” (Rodrigues, 2014, p. I).¹²

Assim, morreu um jovem multifacetado, pai, filho, irmão, primo, enfim uma figura

¹¹Também se fala na hipótese de ter sido por volta das 19h40.

¹²Só não me deixas morrer/Só não me deixas morrer (tradução nossa).

pública cabo-verdiana que continua a merecer uma clarificação das circunstâncias da sua morte. Daí a surpresa de um comunicado feito na Televisão de Cabo Verde, um dia após a sua morte, descartando a hipótese de motivações públicas ou políticas. Leia-se o seguinte extrato do que foi emitido pelas Forças de Segurança da Ordem Pública (FSOP):

[...].

Tendo em conta a necessidade de esclarecer a opinião pública sobre essa mesma ocorrência, o Comando Geral das Forças de Segurança e Ordem Pública, feitas as preliminares averiguações, comunica que:

- a) A morte da vítima foi provocada por um disparo de uma arma de fogo de pequeno calibre e a curta distância;
- b) Os indícios recolhidos até este momento apontam para a existência de um crime de homicídio praticado por alguém que estaria à espreita de potenciais vítimas nessa zona;
- c) Conquanto os motivos que originaram o cometimento do crime não estejam ainda completamente esclarecidos, os dados já recolhidos pelo Comando Geral da FSOP indicam que se trata de um crime de delito comum sem qualquer relação com as funções públicas que a vítima exercia.[...].

30 set.1989. (*Apud* José Tomás Veiga, 2010, p. 60).

É público que João Francisco Mendes Tavares, na altura com 25 anos, mais conhecido por *Badiu Boxeru* (Badio boxeador/lutador), foi, ao que parece, considerado erradamente o seu assassino. Aquando da sua prisão, Ricardo Alves, então Capitão das FSOP, proferiu o seguinte comunicado:

Foi remetido à Cadeia Judicial, depois de apresentado pela Polícia ao fim da tarde de quarta feira, no Tribunal da Cidade da Praia, o individuo indicado como presumível autor material do homicídio de Renato Cardoso, por o juiz que apreciou o processo ter considerado haver fundamento para que o acusado se mantenha sob prisão. [...]. (*Apud* José Veiga, 2010, p. 61).

O suposto assassínio, natural de Calheta de S. Miguel, residia na cidade da Praia, há muitos anos e detinha um vasto cadastro criminal, nomeadamente como agressor físico, razão que o fez ser conhecido pela alcunha anteriormente referida. Vivia nos barcos da Praia da Gamboa e frequentava a praia de Quebra Canela em diferentes horários do dia. Era visto como “ocioso por vício, e frequentador duma tasca na Fazenda (bairro praiense),

de onde saía frequentemente aos tiros” (*idem*, p. 61).

Importa aqui referir que *Badiu Boxeru* foi castigado, julgado e absolvido sem provas, num julgamento público considerado um caso mediático. Os interrogatórios e as repostas foram feitos praticamente na língua cabo-verdiana.

Considerações finais

Procuramos, com esta reflexão, resgatar a memória de Renato Cardoso, uma figura incontornável na história de Cabo Verde que, infelizmente, se encontra no esquecimento. Tratou-se de um homem multifacetado, enfim uma figura pública cabo-verdiana que continua a merecer uma clarificação das circunstâncias da sua morte. Esta reflexão foi baseada na leitura de depoimentos dados por familiares e amigos e na consulta de alguns documentos complementares. Acreditamos ter conseguido atingir o nosso propósito de partida, homenagear e resgatar a memória de uma figura que seria de ter em conta aquando da abertura política em Cabo Verde.

Referências bibliográficas

Almeida, S. (2014). A nossa conversa era normalmente mais sobre a música do que sobre outra coisa. *Artiletra* (124/125), p. XI.

Araújo, A. (2014). Inquietações. *Artiletra* (124/125), p. XX.

Araújo, C. (2014). Falar de Renato é falar de uma nuvem... *Artiletra* (124/125), p. XVII.

Brito-Semedo, M. (2008). *A morna-balada: o legado de Renato Cardoso*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

Cardoso, Florentino. (2014). Depoimento. *Artiletra* (124/125), p. V.

Cardoso, L. (2014). No bá dá um tchluf? *Artiletra* (124/125), p. III.

Cardoso, R. (2014). Homenagem ao meu pai, Renato Cardoso. *Artiletra* (124/125), p. III.

Cardoso, R. (1986). *Cabo Verde: opção para uma política de paz*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro .

Lima da Cruz, E. (2014). Uma releitura da balada em Renato Cardoso. *Artiletra*, (124/125), pp. XVIII e XVI.

Faustino, M. (2014). Renato Cardoso. *Artiletra* (124/125), pp. X e XV.

Ferreira, O. (2014). A propósito e memória de Renato Cardoso. *Artiletra*, (124/125), p. XIV.

Fidalgo, V. (2014). Lembrar Renato Cardoso. *Artiletra* (124/125), p. V.

Luís Fernandes Lopes, J. (2014). Renato Cardoso era um homem excepcional. *Artiletra* (124/125), pp. VI- XXII.

Maria Neves, J. (2014). Renato Cardoso: um criador do futuro. *Artiletra* (124/125), p. XV.

Maria Neves, J. (2014). Renato Cardoso, um criador do futuro. *Artiletra* (124/125), p. XI.

Pires, Pedro. (2014). Renato Cardoso reunia os atributos pessoais para aspirar a ser aquilo que quisesse ser. *Artiletra* (124/125), pp. IX e XIV.

Ferro Ribeiro, J. (2014). Será que o Renato partiu? *Artiletra* (124/125), p. II.

Rodrigues, L. (2014). Persiste a saudade. *Artiletra* (124/125), p. II.

Veiga, C. (2014). Renato Cardoso era, claramente, um fora de série. *Artiletra*, (124/125), p. VII.

Manuel Tomás Veiga, J. (2010). *Marcas lamentáveis da luta pela democracia em Cabo Verde*. [s/l]: Edição de Autor.

